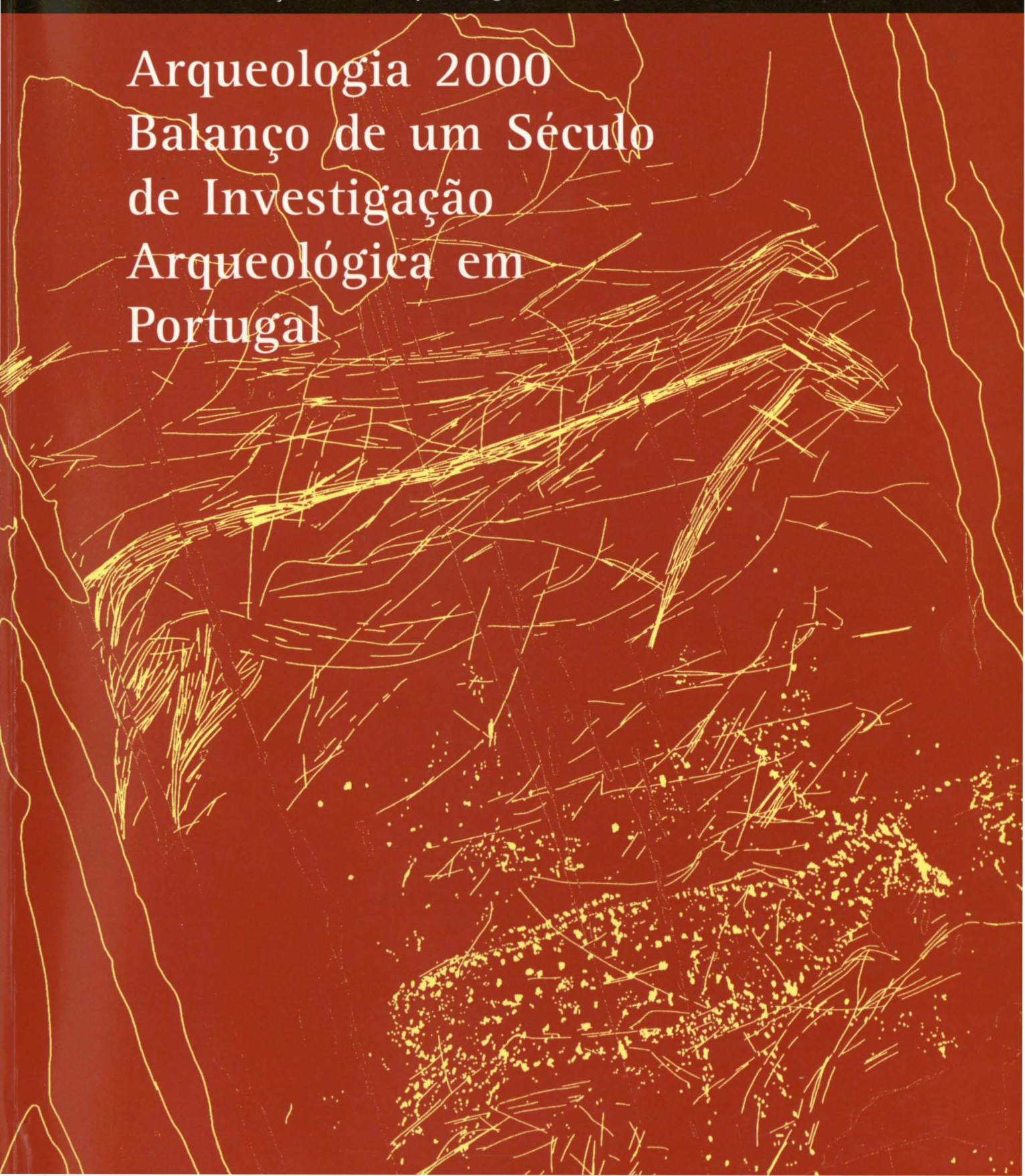


ARQUEOLOGIA & História



Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses | Volume nº54 | 2002

Arqueologia 2000 Balanço de um Século de Investigação Arqueológica em Portugal



Titulo

Arqueologia e História

Volume

54

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Largo do Carmo, nº 4, 1º direito, 1200-092 Lisboa
Tel.: 21 346 04 73 · Fax: 21 324 42 52
e-mail: associacao.arqueologos@clix.pt

Coordenação

José Morais Arnaud

Projecto gráfico

oficina de design Nuno Vale Cardoso & Nina Barreiros
Capa 2.º desenho original de M. V. Gomes

Impressão

Europress – Editores e Distribuidores de Publicações, Lda.
Praceta da República, 15 – 2620-162 Póvoa de Santo Adrião
Tel.: 21 938 14 50 · Fax: 21 938 14 52
e-mail: europress@mail.telepac.pt

Tiragem

1000 exemplares

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

ISSN

972/9451-39-7

Depósito legal

73446/93

Solicita-se permuta
Exchange wanted

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva
responsabilidade dos respectivos autores

Patrocínio



Arqueologia Medieval Portuguesa

Luís Fernando de Oliveira Fontes

Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho
Largo do Paço, 4709 BRAGA CODEX

1. Introdução

Pese embora a sua "juventude", quando comparada com a Arqueologia Pré-Histórica ou com a Arqueologia Clássica, e o seu atraso, tendo por referência o nosso país em relação a muitos outros da Europa, a Arqueologia Medieval em Portugal é hoje uma disciplina aceite e reconhecida, oferecendo um significativo volume de produção, que já possibilita ensaiar comparações e tentar balanços.

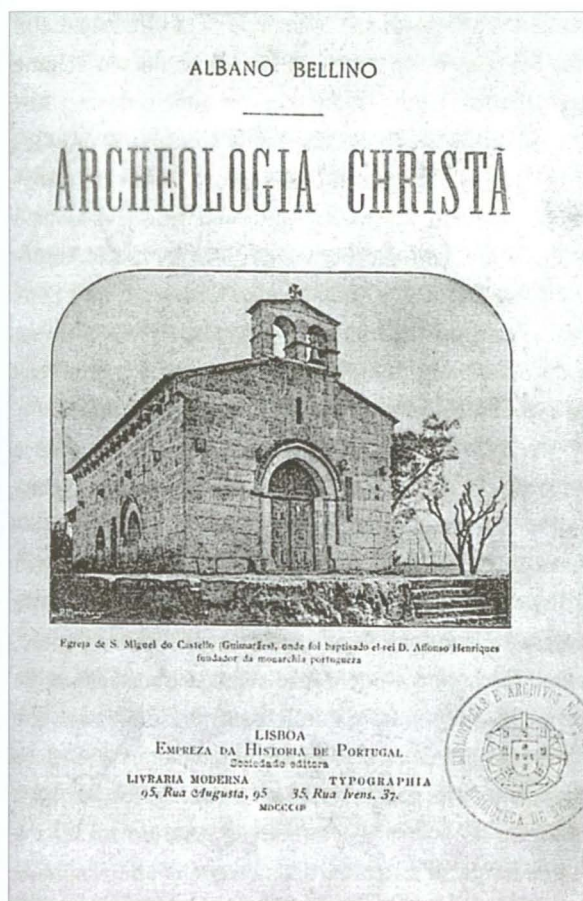
É o que tentarei fazer nas páginas seguintes. Em primeiro lugar mencionarei os resultados mais significativos da Arqueologia Medieval nos últimos cem anos, ensaiando em simultâneo uma apreciação crítica da evolução da disciplina com base nesses mesmos resultados. Em segundo lugar procurarei identificar as principais linhas de investigação que parecem configurar-se na Arqueologia Medieval portuguesa, questionando ao mesmo tempo a política portuguesa para a Arqueologia, naquilo que interessa particularmente à área da Arqueologia Medieval.

O tempo limitado que houve para escrever o texto, a dispersão da informação por uma vasta bibliografia e a escassez de registos contínuos e ordenados nos organismos que tutelam a actividade arqueológica foram as dificuldades maiores que devo aqui assinalar, sem que isso me isente da responsabilidade por todas as falhas e omissões que os arqueólogos conhecedores e atentos não deixarão de encontrar.

2. Um século de actividade: algumas referências

Sem qualquer pretensão de enraizar no tempo longínquo a origem da disciplina, cuja prática mais diferenciada se reconhece, de facto, apenas a partir da década de 70, creio que se poderão considerar como trabalhos precursores de Arqueologia Medieval alguns dos títulos publicados no início do século. Entre outros, destacaria *Archeologia Christã*, de Albano Bellino, Lisboa, 1900 (Fig.1).

A maior vinculação inicial à História da Arte, que poderia justificar uma menor visibilidade ou menor



1. Nesta obra com 180 páginas, profusamente ilustradas com fotografias e desenhos, o autor ensaia uma síntese sobre a arquitectura cristã antiga, tendo por base os monumentos religiosos da região de Braga e Guimarães, a cuja caracterização acrescenta um primeiro inventário de materiais e peças correlacionados

penetração inicial da Arqueologia Medieval, não deve fazer-nos esquecer, porém, que durante os três primeiros quartos da centúria, praticamente até à revolução de 25 de Abril de 1974, se passou ao lado de circunstâncias socio-políticas que, independentemente da orientação ideológica subjacente, ou talvez não, bem poderiam ter constituído momentos de desenvolvimento.

De facto, a implantação da República e o advento do Estado Novo marcam um período de reduzida actividade arqueológica que, pela pouca sensibilidade do Poder à investigação, cristaliza. Na década de 60, a arqueologia portuguesa suporta um conhecimento desactualizado, notoriamente atrasado em relação à arqueologia europeia, que havia conhecido um forte impulso após a Segunda Grande Guerra (Lemos 1989:93), não



2. Com este primeiro número sobre a igreja de Leça do Bailio iniciou-se, em 1935, a publicação do *Boletim da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, através dos quais se deu notícia das intervenções efectuadas nos mais importantes monumentos arquitectónicos portugueses. Foram dados à estampa 131 números, o último dos quais se editou em 1990. Em 1998 reeditaram-se a totalidade dos boletins em suporte digital CD-ROM.

sendo estranhos a esta situação os conflitos que então opuseram os diversos protagonistas da arqueologia em Portugal, a propósito da maior ou menor dominância de umas instituições sobre outras (Fabião 1999:122-126).

Acontece que foi neste período que a época medieval conheceu uma maior atenção por parte dos historiadores e do Poder. A política de exaltação dos valores nacionais elegeu os castelos e as igrejas românicas e góticas como ícones da Nação, na perspectiva de então construída com sangue e protegida por Deus, donde a opção pelos castelos e igrejas, implementando amplos programas de restauro que, muitas vezes, terminaram em operações de cosmética arquitectónica pouco felizes e em que a Arqueologia praticamente não foi tida em consideração, como bem demonstram alguns interessantes artigos dados à estampa pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais no seu volume comemorativo dos 90 anos de existência da instituição (Neto 1999:30-34; Rodrigues 1999:70-71 e 81).

Ainda a este propósito, não posso deixar de transcrever um significativo parágrafo da tese levada pelo engenheiro Henrique Gomes da Silva, então director-geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, ao I Congresso da União Nacional e publicada em 1935 no n.º 1 do *Boletim* da DGEMN, que documentou a intervenção levada a efeito na igreja de Leça do Bailio:

"(...)Sem dúvida que uma obra desta magnitude e importância, levada a efeito sem que tivessem sido consultados todos aqueles que se supõem elevados espíritos críticos, altas e imprescindíveis capacidades artísticas, não podia deixar, por parte de alguns, de suscitar críticas, por vezes contraditórias. Outros, então, para reprovarem a orientação seguida, socorrem-se de opiniões, que reputam autorizadas, de sumidades que apresentam como os melhores arqueólogos e críticos de arte, tanto nacionais como estrangeiros, só para poderem afirmar que determinado restauro foi feito à luz de um falso critério artístico e que em determinada obra se deixaram de seguir os preceitos técnicos mais convenientes..." (Silva 1935:9) (Fig.2).

Na primeira metade do século numerosos historiadores centraram a sua atenção no período suevo-visigótico, numa abordagem em que, apesar da

predominância de temáticas do domínio da história das instituições e das ideias, como correntes monásticas, cristianização, evangelização, organização da Igreja, quadro político, etc., se identifica um ténue contributo da arqueologia, convocada pelos autores como "auxiliar" da História.

Refiram-se, a título de exemplo, os trabalhos de José Augusto Ferreira, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga*, Braga, em quatro volumes editados entre 1928 e 1934, de Pierre David, *Études Historiques sur la Galice et le Portugal du VI^{ème} au XII^{ème} siècles*, Lisboa-Paris, 1947, e de Miguel de Oliveira, *As Paróquias rurais portuguesas. Sua origem e formação*, Lisboa, 1950.

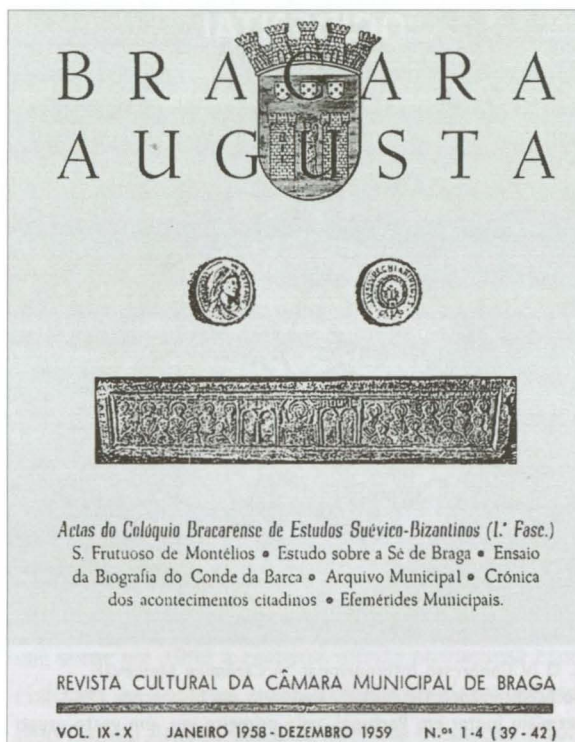
O apogeu desse interesse ficou assinalado por quatro importantes reuniões científicas internacionais realizadas em Braga - *I Congresso Internacional de Estudos Martinianos*, 1950; *Colóquio Bracarense de Estudos Suévico-Bizantinos*, 1957; *Congresso Histórico de Portugal Medieval*, 1959; e *Congresso de Estudos da Comemoração do XIII Centenário da Morte de S. Frutuoso*, 1965. As actas destes congressos encontram-se publicadas em vários volumes na revista *Bracara Augusta*, editada pela Câmara Municipal de Braga (Fig.3).

As excepções ao panorama geral de ausência de investigação em Arqueologia Medieval vêm ainda dos estudos de História de Arte, registando-se alguns avanços no domínio da arte paleo-cristã e da arquitectura cristã antiga, sob o impulso de um conjunto de investigadores a quem se devem as primeiras sínteses: Vergílio Correia assina o primeiro estudo de conjunto na *História de Portugal, I*, dirigida por Damião Peres, Barcelos, 1928; seguem-se a *História da Arte em Portugal, I*, Porto, 1942, por Aarão de Lacerda; e em 1962 a *Arte Visigótica em Portugal*, de D. Fernando de Almeida, publicada no *O Arqueólogo Português*, Nova Série, IV, Lisboa.

De menor amplitude, mas ilustrando bem a atenção que o tema suscitava, Alberto Feio publicou em 1954 um estudo sobre a *A Arte na Alta Idade Média no Distrito de Braga*, *Bracara Augusta*, 1-2 (26-27). Anteriormente, em 1949, estes estudos haviam conhecido um forte impulso com a realização, em Lisboa e Porto, do XVI Congresso Internacional de História da Arte.

Produzem-se entretanto, ainda ao nível da história da arte, as grandes sínteses peninsulares que, no que respeita aos monumentos da área portuguesa, não introduzem novidades significativas: em 1967 Pere de Palol publica *Arqueologia Cristiana de la España Romana, siglos IV-VI*, Madrid-Valladolid; em 1973, Jacques Fontaine dá à estampa *L'art préroman hispanique, I*, Zodiaque, St. Léger Vauban; e em 1978 Helmut Schlunk e Theodor Hauschild assinam *Hispania Antiqua: Die Denkmaler der fruhchristlichen und westgotischen Zeit*, Mainz am Rhein (Fontes 1992).

Importa notar, contudo, que a contribuição arqueológica se limitava, com raras excepções, à divulgação de achados, resultantes não de pesquisas sistemáticas mas de descobertas ocasionais, não se integrando a informação que veiculavam, por vezes importante, em projectos de investigação orientados para o estudo de problemáticas pré-definidas. Quando muito originaram corpos informativos, necessários mas por si só incapazes de anular as faltas de rigor que frequentemente



3. Os volumes XXV e XXVI da revista *Bracara Augusta* incluem as actas do *Colóquio Bracarense de Estudos Suévico-Bizantinos*, realizado em Braga em 1957. Aí se publicam mais de 50 artigos, abarcando diversos temas e distintas áreas geográficas

acompanharam a divulgação dos achados, manifestas nomeadamente na localização inexacta da sua proveniência e, mais importante que tudo, na ausência de contexto arqueológico.

Os embates teóricos que em quase todos os países europeus acompanharam, nos anos sessenta, a emergência da Nova Arqueologia e que, importa sublinhar, acabaram também por contribuir para a consolidação da autonomia da Arqueologia Medieval nesses países (Barceló *et al* 1988; Peséz 1992; Hodder 1994), passaram ao lado dos arqueólogos portugueses. Significa isto que à arqueologia portuguesa falta, talvez, uma certa renovação teórica, que se repercute tanto ao nível das metodologias de recolha e análise de informação como nos próprios objectivos da investigação (Jorge e Jorge 1998).

Mas, o pouco desenvolvimento da Arqueologia

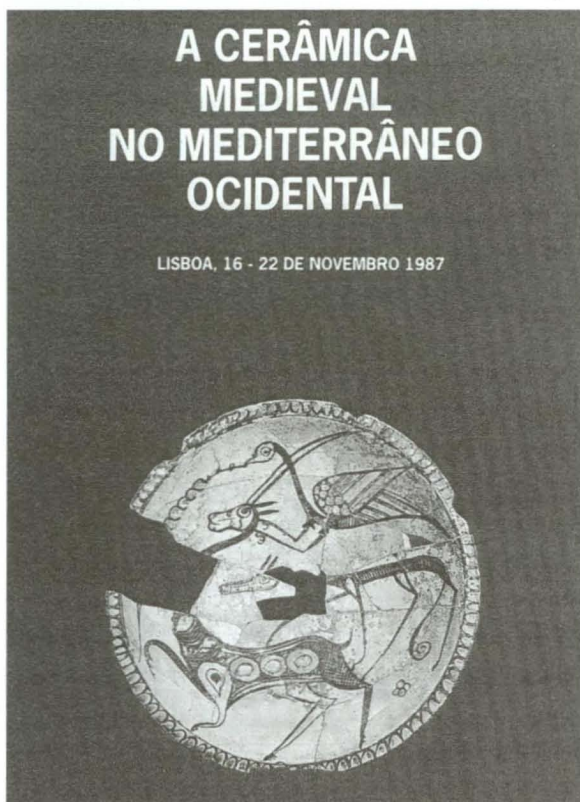
Medieval até aos meados dos anos 70 deve-se também, muito, aos próprios arqueólogos, que optaram sistematicamente por se dedicar ao estudo de períodos mais recuados, não reconhecendo que a Arqueologia constituía uma via de renovação do conhecimento para a Idade Média.

Lembro aqui que, em França, Michel de Bouard tinha fundado o *Centre de Recherches Archéologiques Médiévales* na Universidade de Caen já em 1951, promovendo a investigação arqueológica dos assentamentos feudais e renovando o estudo dos castelos (Francovich 1993:50). Em Inglaterra, a Arqueologia Medieval tinha conhecido um fortíssimo impulso com o estudo arqueológico da cidade medieval de Winchester, dirigido entre 1961 e 1971 por Martin Biddle (Rodwell 1989:30) – importa registar que foi no âmbito deste programa de investigação medieval que Edward C. Harris desenvolveu os seus princípios de análise estratigráfica, estabelecendo aquilo que hoje se designa por "matriz Harris" (Francovich 1993:50).

Houve entre nós excepções, casos isolados que não beneficiaram de condições para se desenvolver. Cito o exemplo de Domingos de Pinho Brandão, manifestamente adiantado em relação ao seu tempo, como se depreende do sugestivo título com que em 1961 divulgou a experiência que recolheu na Alemanha: *Excavações arqueológicas em Xantem - Alemanha. Diário e ideário de um participante. Técnica de escavação arqueológica. Importância da arqueologia medieval* (Brandão 1961).

Com a Revolução de Abril e acompanhando os impulsos de mudança que o país então conheceu, a todos os níveis, também a Arqueologia Medieval registou um novo desenvolvimento, a par do novo enquadramento institucional da actividade arqueológica na Administração do Estado, por via da criação, em 1980, do Instituto Português do Património Cultural – IPPC, onde pontificava um Departamento de Arqueologia.

Não deve pensar-se, porém, que o desenvolvimento da actividade arqueológica em Portugal foi um processo linear, sempre em crescendo – embora não seja matéria a tratar neste texto, julgo importante chamar a atenção para o facto de a Arqueologia Portuguesa ter conhecido, no pós-25 de Abril, sérias dificuldades



4. O IV Congresso Internacional "A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental", realizado em Lisboa em 1987, permitiu juntar em Portugal, pela primeira vez, um vasto grupo de especialistas em ceramologia. Para além de justificar a apresentação de muitos trabalhos por parte de investigadores portugueses, teve como consequência principal o estímulo dado ao desenvolvimento de projectos nesta área, tão frutuosa quanto difícil, como é a do estudo das cerâmicas medievais

organizacionais, às quais haverá que atribuir a manutenção, senão mesmo o alargamento, do fosso em relação aos mais avançados países europeus (confrontar Lemos 1992; 1994 e Silva 1994).

Identifica-se um processo semelhante no ensino da Arqueologia, que parece ter começado em Coimbra, ao nível da licenciatura, na sequência da reforma dos planos de estudo do Departamento de História da Faculdade de Letras, ensaiada em 1975. Contudo, a ideia original de criar uma especialização em Arqueologia foi rejeitada, consagrando-se apenas como opções as disciplinas de Arqueologia, Epigrafia e Numismática.

Com a portaria 268/81, de 13 de Março de 1981, é enfim criada a variante em Arqueologia da licenciatura em História, que vigorou já no ano lectivo 1980-81 (Boletim de *Informação Arqueológica*, 1, p.46). Nesse mesmo ano começou também a ser leccionada na Universidade do Porto uma variante de Arqueologia (Decreto-lei 271/81, de 16 de Março), em cujo plano curricular se introduziu já a disciplina de Arqueologia Medieval, regida pelo professor Carlos Alberto Ferreira de Almeida.

O crescimento da Arqueologia Medieval nos anos 80 revela-se no número cada vez maior de projectos de investigação, ampliando um movimento protagonizado por dois projectos maiores, a Norte a intervenção na Casa do Infante, Porto, coordenada por Manuel Luis Real e a Sul os estudos em Mértola, dirigidos por Cláudio Torres - projectos exemplares, onde se aplicaram de modo efectivo os princípios metodológicos da multidisciplinaridade, cumprindo igualmente a função social de recuperar, conservar e oferecer o património arqueológico à fruição pública.

O desenvolvimento da Arqueologia Medieval revela-se ainda na circunstância de actualmente se distinguir já uma "Arqueologia Islâmica", como aliás se consagrou nestas VI Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Como ilustra o quadro a seguir, a actividade em Arqueologia Medieval registou uma tendência claramente crescente a partir de meados dos anos 80, passando das 16 acções em 1981 para as 46 em 1989, admitindo-se uma estabilização nos últimos anos em torno da meia centena de intervenções.

ACÇÕES	ANOS
01	1977-78
01	1979
01	1980
16	1981
16	1982-83
13	1984
09	1985
20	1986
33	1987
38	1988
46	1989
46	1990
36	1991
39	1998
52	1999

Dados recolhidos do boletim *Informação Arqueológica*, números 1 a 9, de Real (1995:38) e fornecidos pelo IPA

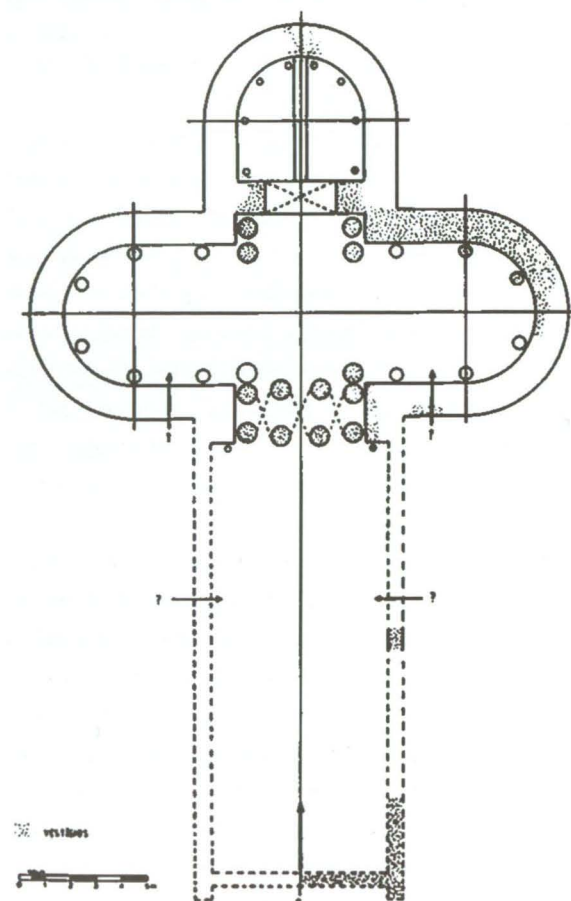
Toda esta actividade está, pelo menos desde 1983, enquadrada por projectos de investigação. Embora os dados disponíveis acusem algumas lacunas, são suficientes para se identificar uma tendência semelhante: o IPPC/IPPAR regista 11 projectos em 1983, 15 em 1992 e 34 no biénio 1994-95. Os registos do IPA iniciam-se em 1998, constando nesse ano 27 projectos, 23 em 1999 e 5 em 2000 (considerando que os projectos se desenvolvem por três anos, estarão em curso um total de 55 projectos). Seria interessante promover a elaboração de relatórios de avaliação, que permitissem perceber o grau de execução dos projectos e confrontar a qualidade dos resultados obtidos.

Em consequência desta intensa actividade multiplicaram-se nas duas últimas décadas os resultados da investigação arqueológica medieval, como testemunham os inúmeros artigos publicados em múltiplas revistas. Como corolário de toda esta actividade e expressando, de certo modo, a autonomização da Arqueologia Medieval, surge em 1992 a primeira revista portuguesa especializada nessa área - *Arqueologia Medieval*, editada pelo Campo Arqueológico de Mértola e Edições Afrontamento, já com seis números publicados.

É pertinente comparar aqui com as datas de edição de revistas estrangeiras homólogas, para termos

mais uma vez consciência da distância que nos separa de outros países europeus: em Inglaterra começa a editar-se a *Medieval Archaeology* em 1957; em 1971 inicia-se em França a publicação da *Archéologie Médiévale*; segue-se a alemã *Zeitschrift für Archaeologie des Mittelalters* em 1973; em Itália começa em 1974 a edição da *Archeologia Medievale*; e em 1987 publica-se em Espanha o *Boletim de Arqueologia Medieval*.

Acompanhando o dinamismo e consequente autonomização da disciplina realizam-se, a partir de finais dos anos 80, várias reuniões científicas temáticas. Destacamos, entre outras: em 1987, em Lisboa, o IV Congresso Internacional "A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental" (CAM 1991) (Fig.4); em 1989, em Braga, o Congresso Internacional Comemorativo do "IX Centenário da Sé de Braga" (UCP/FTB e CMPB 1990);



5a. Planimetria da basílica sueva de Dume, Braga, segundo Luís F. de Oliveira Fontes (1990-91:Est.IV). Esc.1:400

em 1992, em Lisboa, a IV Reunião de "Arqueologia Cristã Hispânica" (IEC 1995) e em Tondela as "I Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval" (CMT 1995); em 1993, no Convento da Arrábida, em Setúbal, o Simpósio Internacional "Hidráulica Monástica: Medieval e Moderna", promovido pela Fundação Oriente; em 1998, em Alcobaça, o Colóquio "Cister: Espaços, Territórios, Paisagens"; já este ano, em Palmela, o Simpósio Internacional sobre Castelos "Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)".

Também nos mais generalistas Congressos de Arqueologia se ampliaram as secções dedicadas à Arqueologia Medieval - das 6 comunicações inscritas no IV Congresso Nacional de Arqueologia, realizado em Faro em 1980, passou-se para as 14 no 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular, feito no Porto em 1993 e para mais de duas dezenas no 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular, realizado em 1999 em Vila Real, relevando neste o facto de se terem instituído já quatro secções distintas: "Antiguidade Tardia na Península Ibérica"; "Arqueologia das Sociedades Feudais"; "Arqueologia do Al-Andalus"; "Fortificações dos reinos cristãos: origem e evolução (sécs. IX-XIV)".

Por outro lado, a articulação entre a História, História da Arte e a Arqueologia realizava-se superiormente com Carlos A. Ferreira de Almeida, cujos estudos sobre a viação medieval (Almeida 1968), a arquitectura românica (Almeida 1978a; 1986) e a castelologia medieval (Almeida 1978b; 1986), permanecem referências obrigatórias para qualquer abordagem arqueológica do Portugal medieval. Adentro desta última temática das fortificações, Rigaud de Sousa oferece na mesma altura um importante contributo para o conhecimento das casas-torre medievais do Baixo-Minho (Sousa 1978).

Na esteira do primeiro, Mário Jorge Barroca acrescentou significativos contributos sobre as práticas funerárias medievais (Barroca 1987), sobre a decoração arquitectónica pré-românica (Barroca 1990) e sobre a evolução dos sistemas castelares nos primeiros séculos da Idade Média (Barroca 1990-91), tendo concluído mais recentemente uma importante recolha e análise da epigrafia medieval portuguesa (Barroca 1999).

Uma série de grandes exposições relacionadas com o mundo medieval testemunham igualmente a vitalidade e o contributo da investigação arqueológica nesta última década, assegurando a transferência de conhecimento para um público mais vasto. Refiro-me às exposições *Nos Confins da Idade Média*, Festival Europalia Portugal 91, Gand (Matos 1992), *Portugal. A Formação de Um País*, apresentada na Exposição Universal de Sevilha, Sevilha, 1992 (Paulino 1992), e *Portugal Islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo*, no Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 1998 (Macias e Torres 1998).

Do mesmo modo, as mais recentes *História de Portugal* (Mattoso 1992) e *História da Arte Portuguesa* (Pereira 1995) escreveram-se incorporando já os novos contributos da Arqueologia Medieval, contributo particularmente evidente na abordagem da ocupação islâmica do actual território português.

No conjunto, e haverá que acrescentar todos os inúmeros artigos dispersos por um grande número de publicações, têm sido trazidos ao conhecimento público muitos dados. Porém, para além da maior ou menor qualidade que se possa reconhecer a toda esta produção, a que não será alheia a falta de reflexão teórica e a tardia introdução de metodologias avançadas na recolha de dados arqueológicos, a verdade é que se apreende uma imagem da actividade arqueológica algo difusa, em que se distinguem com dificuldade as acções espontâneas das acções programadas, como acontece, aliás, em grande parte das outras áreas e disciplinas.

Apesar deste aspecto menos positivo, que urge ultrapassar, penso que houve um efectivo aumento e renovação do conhecimento no que respeita à história medieval portuguesa, via Arqueologia Medieval, como creio poder identificar-se nas seguintes áreas temáticas, que passo a enunciar de modo sucinto, referindo para cada uma delas os sítios arqueológicos e/ou títulos publicados que, numa apreciação não exaustiva, me parecem exemplificativos:

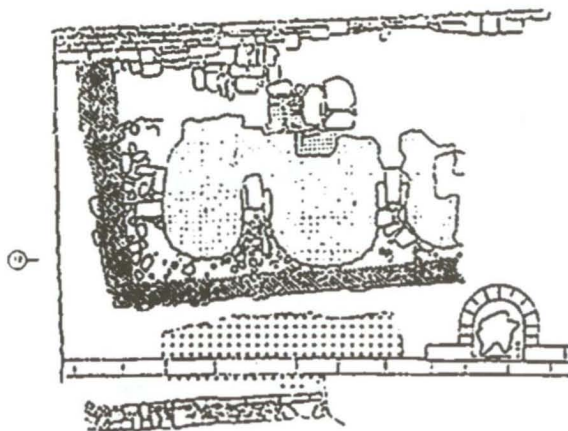
Arte e arquitectura cristãs antigas

Graças a inúmeros trabalhos de escavação e reinterpretação de dados efectuados um pouco por todo o

país, como os proporcionados pelas escavações das basílicas suevo-visigóticas de Dume, Braga (Fontes 1987; 1988; 1990; 1991-92) (Fig.5a) e de Viseu (Vaz 2000) (Fig.5b), da igreja do Montinho das Laranjeiras, Alcoutim (Maciel 1996) (Fig.5d), da basílica paleocristã de Mértola (Torres e Macias 1993)(Fig.5c) e do templo alto-medieval de S. Torcato, Guimarães (Almeida 1986; Barroca e Real 1992), onde se identificaram sequências estratigráficas complexas e significativos restos de edifícios de tipologias variadas, beneficiamos hoje de uma nova leitura dos contextos artísticos e da evolução dos modelos arquitectónicos cristãos entre os séculos V-VI e X-XI, como as que propõe Justino Maciel (Maciel 1996) e Manuel Luis Real (Real 1995;1998), relevando neste último as novidades em torno da problemática da emergência e difusão do moçarabismo.

Nesta matéria considero importante sublinhar a identificação de modelos arquitectónicos diferentes, com origens igualmente diversas e que, servindo o culto cristão, parecem ter convivido cronologicamente em distintas zonas do actual território nacional.

Esta diferenciação radicar-se-á, em minha opinião, nos diferentes rumos que a organização político-territorial conheceu entre os séculos V e VIII, desde o fim da administração romana e a delimitação de um reino suevo no Noroeste peninsular, período em que a Norte se reconhece uma maior ligação com Ravena, Milão e Tours, enquanto a Sul se detecta a influência de Bizâncio e do Norte de África, até à hegemonização visi-

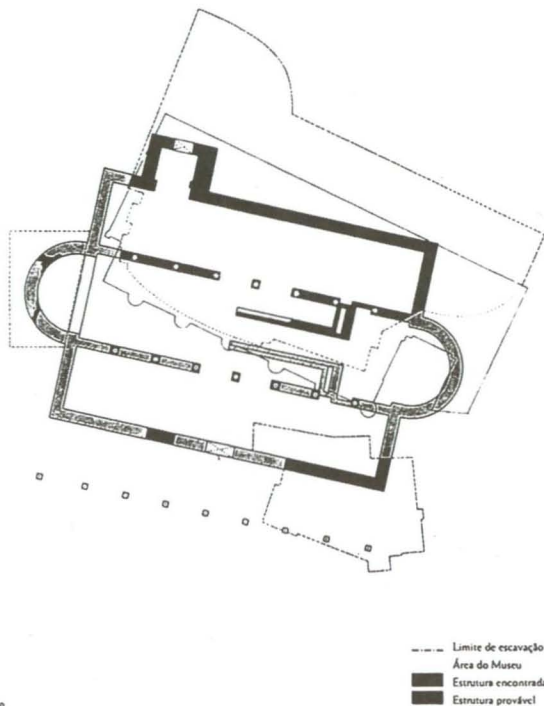


5b. Planimetria da cabeceira da basílica "altomedieval" de Viseu, segundo João L. Inês Vaz (2000:Fig.12). Esc.1:300

gótica da Península Ibérica e seu posterior colapso com a ocupação árabe, época em que se vai configurando um maior isolamento.

Sendo o culto cristão um culto novo, parece-me bastante plausível que a arquitectura que o servia expresse essas diferenças determinadas pela organização geo-política, pois mais dependente estaria dos poderes emergentes, quer por simples razões de sobrevivência quer por emulação política.

A eventual observância de diferentes correntes de cristianismo poderia determinar, também, variações nos modelos arquitectónicos. Contudo, e os arqueólogos que escavam templos cristãos antigos deverão estar atentos a estes aspectos, penso que as diferenças se traduzirão mais ao nível da organização interna dos espaços litúrgicos e menos ao nível da configuração geral dos modelos planimétricos. Seja como for, a penetração e difusão das diversas correntes e heresias, como o arianismo e o priscilianismo, não deixam também de vincular-se estreitamente aos diferentes centros político-religiosos que então se afirmaram.



Esc. 1:500

5c. Planimetria da basílica paleocristã de Mértola, segundo Cláudio Torres e Santiago Macias (1993:Fig.8). Esc.1:500

Fortificações

Realizou-se há poucos meses, mais precisamente entre 3 e 8 de Abril passado, em Palmela, o Simpósio Internacional sobre Castelos, que registou 28 comunicações relativas a Portugal. Aí se expuseram as mais recentes interpretações na área da arquitectura militar e da castelologia peninsulares, abarcando todas as tipologias de sistemas defensivos ao longo de um período compreendido entre os séculos VI e XV, com especial representação das fortificações árabes.

Paralelamente a este simpósio apresentou-se, primeiro em Lisboa e depois em Palmela, a exposição "PERA GUERREIAR. Armamento Medieval no Espaço Português". O catálogo que a acompanhou, com textos de síntese e inúmeras ilustrações, constitui o primeiro trabalho de conjunto sobre esta matéria (Barroca, Monteiro e Fernandes 2000) (Fig.6).

Para além de toda a vastíssima bibliografia sobre castelos existente e das Actas desta reunião científica, cuja publicação não deixará de constituir uma referência, podem indicar-se para esta temática diversos estudos arqueológicos monográficos, que dão a conhecer diferentes tipos de castelos e fortificações em Portugal.

Refiram-se, a título de exemplo, os trabalhos dirigidos por Mário Barroca no Castelo de Matos, Baião (Barroca 1988), o que assinei com Henrique Regalo sobre o castelo de Penafiel de Bastuço, Braga (Fontes e Regalo 1997), os de Lídia Fernandes sobre o castelo da Guarda (Fernandes *et al* 1999), e os realizados por Rosa Varela Gomes em Silves (Gomes 1988).

Ao nível das obras de síntese distinguem-se os trabalhos de Mário Barroca sobre a evolução dos castelos no centro-norte de Portugal entre os séculos X e XIII (Barroca 1990-91), enquanto para o sul do país constituem referência os de Helena Catarino sobre as fortificações do Algarve oriental durante o domínio islâmico (Catarino 1997-98; 1998).

Arquitectura e espaços monásticos

Esta é uma área actualmente de intensa actividade, beneficiando da participação efectiva de arqueólogos

nos projectos de estudo que acompanham as intervenções arquitectónicas realizadas em vários mosteiros.

Desde a participação pioneira de Manuel Luis Real (Real 1985) no Convento de Santa Marinha da Costa até à mais recente intervenção no mosteiro de São João de Tarouca, no início coordenada por Miguel Rodrigues e Ricardo Teixeira, implementaram-se vários projectos monográficos de investigação, a maior parte dos quais ainda decorrem. Esperam-se resultados importantes dos trabalhos no Mosteiro de São Martinho de Tibães, Braga, do Convento de Santa Clara-a-Velha, Coimbra, do Convento de São Francisco, Santarém e do já referido Mosteiro de São João de Tarouca.

Para além das questões mais directamente relacionadas com os modelos arquitectónicos, como sejam a evolução construtiva, a organização funcional dos espaços e a identificação de diferentes estilos artísticos, os estudos de arqueologia monástica pretendem abordar também a importante questão do ordenamento do espaço e da conformação da paisagem, como bem exemplifica o projecto "Cister no vale do Douro" (Teixeira 1999).

Menos investigada tem sido a questão das origens do monaquismo e a sua eventual relação com práticas eremíticas, apesar de se conhecerem testemunhos arqueológicos de eremitérios rupestres um pouco por todo o país: no Norte em Sabariz, Viana do Castelo e na Serra de Montemuro, no centro do país na região de Torres Novas e no Sul nas Serra de São Luís e Serra de Ossa (Real 1995: 43; Real et al 1982).

Práticas funerárias e paleoantropologia

São inúmeros os trabalhos de arqueologia sobre necrópoles medievais, revelando uma grande diversidade de formas de enterramento. A maior parte decorre de intervenções de urgência ou salvamento e têm um incidência parcial, sendo raras as acções de investigação programadas e de maior amplitude.

A esta situação acresce o facto de em Portugal existirem muito poucos especialistas em paleoantropologia funerária, necessários ao estudo dos restos osteológicos exumados com as escavações. O diálogo

entre antropologia física e arqueologia também só recentemente se reforçou (Cunha 1996: 133).

Contudo, foram estes trabalhos parcelares que possibilitaram a elaboração das que se podem considerar as actuais obras de referência em relação às modalidades de enterramento e tipologias de sepulturas e à caracterização paleoantropológica da população medieval, respectivamente *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre Douro e Minho* (Barroca 1987) e *Populações Medievais Portuguesas (séculos XI-XV). A Perspectiva Paleobiológica* (Cunha 1997).

Produções cerâmicas

O IV Congresso Internacional "A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental" que decorreu em Lisboa em 1987, constituiu a realização de referência para os estudos de cerâmica medieval no nosso país. A exposição paralela de cerâmicas islâmicas, quase todas provenientes de Mértola, abriu as portas de um vasto campo de estudos, que foi aproveitado de forma exemplar por inúmeros investigadores, que produziram obras fundamentais - refiram-se, entre outros e para além dos de Mértola (Torres 1987), os estudos sobre as cerâmicas de Silves (Gomes 1988) e do castelo de Palmela (Fernandes e Carvalho 1993; 1997).

Pela mesma época iniciavam-se em Braga estudos das produções cerâmicas medievais locais, relevando o conjunto proveniente das escavações da Rua de Nossa

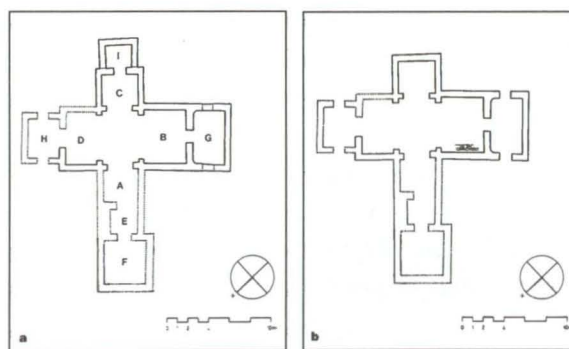


FIGURA 3
Montinho das Laranjeiras, "Ecclesia".
a) Planta identificativa (2ª Fase); b) Planta da 1ª Fase.

5d. Planimetria da *ecclesia* bizantina do Montinho das Laranjeiras, Alcoutim, segundo Justino Maciel (1996:Fig.3). Esc.1:300

Senhora do Leite, publicado por Alexandra Gaspar em 1985 (Gaspar 1985) (Fig.7).

Em 1992 começaram a organizar-se em Tondela as "Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo", que já vai na sua terceira edição, respondendo à crescente produção científica e consequente necessidade de divulgar e confrontar os resultados e de aperfeiçoar as metodologias (CMT 1995; Diogo e Abraços 1998).

A atenção voltou-se também para a área transmontana, com Miguel Rodrigues a escolher para tema da sua tese de mestrado as *Cerâmicas medievais da Região de Moncorvo (sécs.XII-XIII)*, num trabalho onde ensaia uma caracterização sistemática das tipologias formal e decorativa das produções dos séculos centrais da Idade Média e que constitui hoje referência obrigatória para quaisquer outros estudos que incidam sobre o território transmontano (Rodrigues 1994).

Um outro polo de estudo tem por base os trabalhos em torno da Casa do Infante, no Porto, para cujos conjuntos cerâmicos se conhecem já resultados e algumas propostas de leitura de longa duração (Real *et al* 1995). Em torno deste núcleo de investigação veio a implementar-se, em 1995, o "PROCEN - Projecto para o estudo das produções cerâmicas da Região Norte" (Capela *et al* 1996), cuja consequência mais significativa foi estimular o aparecimento da revista *Olaria*, em 1996, editada pela Câmara Municipal de Barcelos, publicação onde periodicamente se vão dando a conhecer os últimos resultados da investigação relacionada com produções cerâmicas.

3. Perspectivas de investigação

Na Arqueologia Medieval praticada em Portugal identificam-se ainda alguns aspectos cuja abordagem é insuficiente: as reflexões teóricas escasseiam, a historiografia arqueológica só agora dá os primeiros passos e as críticas metodológicas praticamente não existem.

Podendo evitar-se as polémicas estéreis, porque sem sentido, em torno de uma falsa oposição entre medievalismo e arqueologia, ou os equívocos decorrentes de uma certa visão "arqueologicocêntrica" que também

poderá afectar os produtores de conhecimento sobre o passado, polémicas e equívocos que em vários países europeus acompanharam a consolidação da Arqueologia Medieval, sou de opinião que o momento actual oferece condições que propiciam uma reflexão crítica construtiva, que vá para além do natural regozijo decorrente da existência conjuntural de muito trabalho para os arqueólogos que se dedicam ou queiram dedicar à Idade Média.

Creio ser evidente a profunda e necessária articulação existente entre Arqueologia e História. Articulação fundamental, pois é exactamente no frequente recurso às fontes escritas que reside a maior originalidade da arqueologia medieval, determinando uma abordagem menos fácil mas seguramente mais completa (Bouard e Riu y Riu 1977).

Esta articulação tem óbvias implicações de carácter metodológico, conduzindo os arqueólogos à necessidade de, num esforço multidisciplinar, abordarem outras fontes para além das usuais estratigrafias, cerâmicas e restos de construções, pois interessam igualmente os diferentes tipos de textos literários, a toponímia, a numismática, a epigrafia, a iconografia, etc. (Barceló *et al* 1988; Garcia de Cortazar 1983).

A prática actualizada da Arqueologia Medieval exige ainda a incorporação de instrumentos analíticos diversos, que possibilitem integrar os conhecimentos das áreas das paleociências, da geomorfologia, das física e química aplicadas à análise de artefactos, etc. (a este propósito veja-se o volume 5 da II.ª série da revista *al-madan*, editado em 1996, pelo Centro de Arqueologia de Almada, com um sintético mas esclarecedor dossier intitulado "A Arqueologia e as outras Ciências").

Assim, desta nova postura deve esperar-se, sobretudo, a aplicação de novos métodos de pesquisa. Novas metodologias que resultam também da necessidade, ainda nova para os arqueólogos portugueses, de situarem as suas descobertas na longa duração, de não se limitarem ao estudo dos vestígios num dado período, de verem como é que esses vestígios se inscrevem nos modos de produção tradicionais, se conheceram, no caso dos edifícios, reutilização ou não, se as suas funções iniciais foram ou não alteradas.

Por isso, importa estar atento, e tomando como exemplo a problemática da difusão do cristianismo, às eventuais adaptações ou transformações funcionais de compartimentos a modestos locais de culto, ou à "conversão" de templos em pequenas igrejas cemiteriais. No território português este fenómeno de reutilização cristã de santuários pagãos, de edifícios públicos e privados e até de espaços industriais romanos, conhece já alguns exemplos bem estudados, como em Conimbriga (Maciel e Coelho 1994: 75 e sgs.), São Cucufate (Alarcão, Étienne e Mayet 1990: 259 e sgs.) e Tróia (Maciel 1996: 213 e sgs.).

Nos monumentos arquitectónicos (religiosos, civis e militares), onde se detectam reconstruções e ampliações, com utilização de distintos materiais e técnicas construtivas, exigem-se técnicas sofisticadas de escavação e de análise de paramentos, só praticáveis por profissionais - referimo-nos aqui à chamada "arqueologia da arquitectura" (Ramalho 1996), particularmente desenvolvida em Itália e mais recentemente em Espanha, em cujos métodos de recolha e tratamento de dados sobressai o recurso à estereofotogrametria e à "matriz Harris" (Brogiolo, Mannoni e Parenti 1996; Caballero Zoreda e Escrivano Velasco 1996).

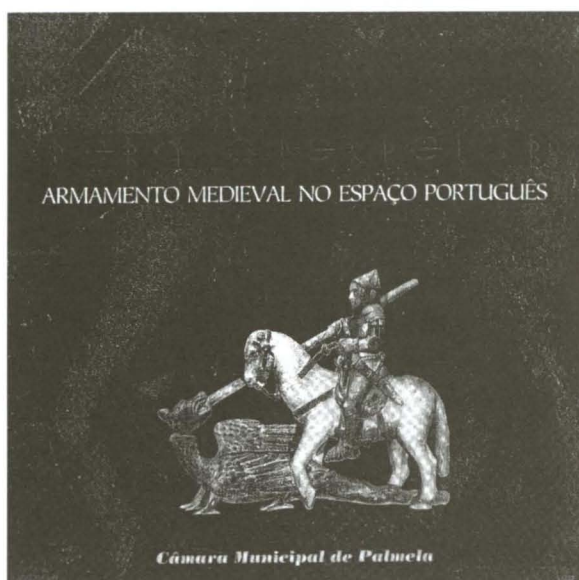
Esta perspectiva da longa duração tem uma especial relevância também na questão da arqueologia urbana medieval. Penso que a perspectiva dominante que tem orientado os trabalhos arqueológicos nos aglomerados urbanos portugueses, que salvo raras excepções tem privilegiado as ocupações romanas, denunciando a persistência da dominância da arqueologia clássica, deve ser corrigida.

As actas dos "Encontros Nacionais de Arqueologia Urbana" realizados em 1985 em Setúbal (I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana, Setúbal 1985, *Trabalhos de Arqueologia*, 03, IPPC, Lisboa, 1986) e em 1994 em Braga (Actas do Encontro de Arqueologia Urbana, *Bracara Augusta*, vol.XLV, n.º 97(110), Câmara Municipal de Braga, Braga, 1994), expressam bem esta situação (realizaram-se apenas 4 "Encontros" - o terceiro, cujas actas se encontram no prelo, aconteceu em 1998 em Almada e o quarto está agendado para a Amadora, em Novembro de 2000).

O que importa fazer é a *arqueologia das cidades* (e do urbanismo) e não *arqueologia nas cidades* (Ladero Quesada 1992:170; Cfr. Alarcão 1994: 59-60). O interesse da investigação do fenómeno urbano está precisamente na possibilidade que se oferece aos arqueólogos de questionar a longa duração do urbanismo e explicar as mudanças e/ou as permanências.

Esta perspectiva deve estar presente não apenas no estudo das cidades actuais, onde a investigação é mais premente, face à destruição que frequentemente acompanha as alterações urbanas em curso um pouco por todo o lado, mas também na investigação das outrora chamadas "cidades mortas", como *Tongobriga* e *Conimbriga*, ou de outros aglomerados urbanos que, não tendo o estatuto de cidades, são igualmente importantes, como algumas vilas abandonadas em Trás-os-Montes, por exemplo Carrazeda de Ansiães.

Muitos desses antigos núcleos urbanos foram abandonados precisamente na Idade Média. Ora, explicar como e quando se processou esse abandono é de primordial importância, até para se compreender a fundação de novos centros urbanos e a sobrevivência e desenvolvimento das restantes cidades.



6. Capa do catálogo da exposição *PERA GUERREIAR. Armamento medieval no espaço português*. Ao longo de mais de 400 páginas recolhem-se diversos textos sobre guerra e armamento medievais e descrevem-se pormenorizadamente, em complemento às respectivas fotografias, as mais de centena e meia de peças mostradas.

Mas a renovação metodológica não terá qualquer consequência se simultaneamente não se renovarem os modelos interpretativos, tanto mais quanto as técnicas de recolha de dados estão já bem estabelecidas (ver, entre outros, Caballero Zoreda e Escrivano Velasco 1996; Parcero Oubiña *et al* 1999). O que efectivamente distinguirá a Arqueologia Medieval será, definitivamente, a produção de conhecimentos históricos como resposta a interrogações específicas.

Neste sentido, à Arqueologia Medieval portuguesa pode, desde já, reconhecer-se-lhe um importante contributo: foi com base em estudos arqueológicos que se desmontaram os modelos interpretativos tradicionais em História, que repetiam até há bem pouco tempo a mitificada explicação das destruições e abandonos provocadas por "bárbaros" e "mouros", para sustentar o estabelecimento de rupturas culturais inultrapassáveis a marcar o fim do mundo romano e o estabelecimento dos árabes na Península Ibérica.

Estes paradigmas interpretativos foram substituídos por outros que propõe em alternativa uma sobrevivência dos padrões clássicos romanos durante o domínio suevo-visigótico e a manutenção de um quadro de povoamento durante a ocupação islâmica que, no que respeita às ligações com o Norte do território, embora limitadas, se caracterizava pela existência de relações sociais, políticas e comerciais, que não permitem sustentar mais a tese do eremamento defendido para a região setentrional de Portugal (Mattoso 1992; Real 1995 e 1998).

Outra área onde creio ser legítimo esperar que, com base em estudos arqueológicos, se renovem as explicações históricas, é a que gira em torno da problemática do *encastelamento* e sua compreensão enquanto expressão de implantação de um poder senhorial ou feudal, portanto exigente de rendas. Desta perspectiva decorre a necessidade de ir para além dos meros estudos de arquitectura militar, naturalmente importantes mas insuficientes.

O estudo dos castelos tem que ser feito em articulação com análises espaciais que permitam reconstituir as paisagens agrárias que suportavam a existência das fortificações, pois foi nelas que se geraram as ren-

das devidas aos senhores das terras ou ao rei. Um contributo suplementar a esta problemática das rendas e portanto da fiscalidade poderá ser dado pela numismática, admitindo-se que o registo arqueológico, a partir de cálculos mais ou menos complexos, possibilite estimar volumes de cunhagem e elaborar explicações não apenas sobre o grau de monetização da economia mas também sobre vias e modalidades de circulação (Barceló *et al* 1988:81).

Para isto serão necessários longos anos de investigação, já que é preciso inventariar e caracterizar arqueograficamente todas as fortificações do território português, classificar os numismas que se recolhem em praticamente todas as escavações arqueológicas e concretizar programas de prospecção extensiva, constituindo estes últimos um passo fundamental para a compreensão da configuração da paisagem e da estruturação do povoamento - os trabalhos de Paulo Dórdio no Nordeste português (Gomes 1993) são um bom exemplo das potencialidades de estudo desta temática e demonstrativas do muito que é necessário investigar para se obter um conhecimento razoável do território português.

Gostaria finalmente de deixar algumas questões, cuja resposta satisfatória me parece fundamental para a consolidação e desenvolvimento da Arqueologia Medieval em Portugal:

a) A ausência de formação avançada na disciplina constitui, porventura, o maior entrave ao desenvolvimento pleno da Arqueologia Medieval. Efectivamente, não existem nas universidades portuguesas quaisquer cursos de mestrado ou doutoramento em Arqueologia Medieval. Verifica-se a este nível superior de formação o mesmo que ao nível das licenciaturas: existem cursos de mestrado em Arqueologia, mas generalistas e não especializados, nos quais a Arqueologia Medieval constitui apenas uma disciplina.

No caso do primeiro curso de doutoramento em Arqueologia instituído em Portugal, o da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que vigorará no ano lectivo de 2000-2001 (Aviso n.º 9165/2000 da Universidade do Porto - *Diário da República*, II Série, n.º 128, 2 de Junho de 2000, p.9553), nem isso se verifica, ao

que julgo saber por falta de pessoal docente. Daqui decorre uma situação algo estranha, a qual é, os futuros doutorandos poderão vir a receber formação em Arqueologia Pré-Histórica, Arqueologia Proto-Histórica e Arqueologia Romana, "saltando" desta para Arqueologia Moderna e Contemporânea.

b) O sub-financiamento crónico e a falta de estruturas laboratoriais de apoio à actividade arqueológica são dois factores de bloqueio do desenvolvimento da Arqueologia. A manter-se, esta tendência conduzirá, a breve prazo, à paralisação da capacidade de investigação inovadora da arqueologia portuguesa alargando, porventura, o fosso que nos separa dos países europeus mais desenvolvidos na matéria. Sem análises laboratoriais não é possível integrar as metodologias mais arqueométricas, indispensáveis aos estudos de cerâmicas, metais, madeiras, tecidos, palinologia, ossos, fosfatos, dendrocronologia, etc., etc..

c) O desenvolvimento da Arqueologia Medieval não é, ou não deverá ser, dissociável dos desenvolvimentos que a Arqueologia venha a conhecer, designadamente daqueles que decorram da organização da actividade arqueológica por parte do Estado. Neste sentido, creio ser legítimo interrogar-se porque hesitam as entidades de tutela na definição das políticas de investigação, valorização e conservação do património cultural, não institucionalizando, entre outras coisas, uma coordenação capaz de promover programas ou projectos nacionais por objectivos ?

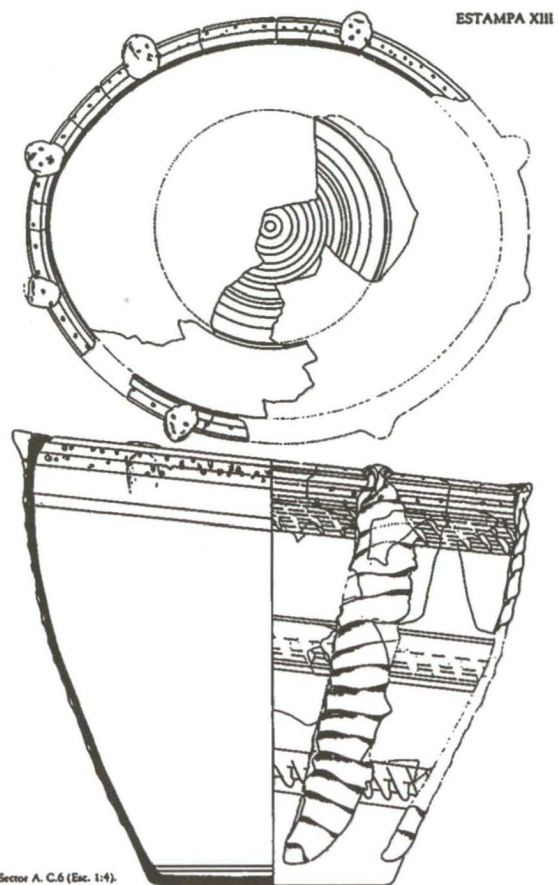
A criação de um há muito exigido mas sempre rejeitado Conselho Superior de Arqueologia poderia ser uma solução. As vantagens no que respeita à articulação de trabalhos, na perspectiva acima enunciada de explorar todo o potencial de análise proporcionado pelos dados arqueológicos, afigura-se-me inquestionável. Tal como permitiria uma mais eficaz aplicação dos dinheiros públicos.

A este propósito não posso deixar de convocar para aqui dois exemplos de políticas institucionais, com incidências práticas mas de repercussão desigual no exercício da Arqueologia Medieval. Refiro-me aos mais generalistas programas de intervenção em monumentos da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos

Nacionais (D-GEMN) e ao específico *Programa de Recuperação de Castelos* do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR).

Quanto à DGEMN, tem um percurso curioso: entre 1929, ano em que foi criada e 1990, a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais restaurou inúmeros monumentos, documentando no seu *Boletim* as intervenções em 131 deles. Sobre a pouca importância então dada à arqueologia já escrevi no início deste texto, devendo apenas salientar-se agora que a renovação de atitudes pós 25 de Abril só muito tardiamente parece ter chegado à DGEMN.

Aquilo a que poderemos chamar de período de transição, isto é, a década de 80, conheceu apenas um relevante e creio que único contributo, o de Manuel



7. Alguidar de cerâmica datável dos séculos XIII-XIV, recolhido nas escavações arqueológicas da rua de Nossa Senhora do Leite, em Braga (Gaspar 1985:Est.XIII). Esc.1:8

Real no estudo do Convento de Santa Marinha da Costa, Guimarães (Real 1985), mais por vontade esclarecida do arquitecto responsável, Fernando Távora, do que por prática metodológica implementada pela tutela.

Na última década a tendência parece querer inverter-se, não sem dificuldades, como se percebe da oposição entre as perspectivas reformista e inovadora veiculada pela nova revista *Monumentos* e a mais conservadora que ainda dominou a exposição comemorativa dos 70 anos da instituição (Alçada e Grilo 1999).

Iniciada em 1994, a *Monumentos* é uma publicação que a DGEMN edita semestralmente (o n.º 13 é de Setembro de 2000), onde se apresentam os resultados de distintas intervenções e reflexões em torno da problemática da conservação e valorização do património arquitectónico. Para além da excelente qualidade gráfica e da diversidade de opiniões e especialidades manifestas, da análise dos seus conteúdos ressalta que, embora prossiga com inúmeras obras em monumentos um pouco por todo o país, a DGEMN ainda não conseguiu criar uma efectiva rotina de intervenção multidisciplinar, ausência particularmente notória no que respeita à área da Arqueologia.

Relativamente ao IPPAR, convém não esquecer que beneficiou da estrutura herdada do ex-IPPC, contando no seu quadro com experientes equipas de arqueologia, com prática efectiva nas abordagens metodológicas multidisciplinares. Creio que isso é patente no programa de *Intervenções no Património* que a sua Direcção esboçou para o período 1995-2000 (Pereira 1997), significativamente sub-intitulado *Nova Política*, onde se explanam os critérios que norteiam a sua acção, sobressaindo entre todos a sistemática remissão para a necessidade da já referida abordagem multidisciplinar dos monumentos.

O *Programa de Recuperação de Castelos*, que o IPPAR pretende executar entre 2000 e 2006, ao abrigo do III Quadro Comunitário de Apoio, parece reunir todas as condições para fixar essa prática multidisciplinar, elegendo o contributo da Arqueologia como indispensável ao *modus operandi* postulado como correcto, o qual, em última análise, se constitui ele próprio como "acto de conhecimento" (IPPAR 2000: 7-8).

A ideia cumpre os princípios de intervenção internacionalmente adoptados, assume uma clara opção pelo enquadramento temático, tem por base um rigor metodológico exemplar - resta esperar, e aqui o desafio será colocado aos arqueólogos, que este "recurso de conhecimento" assim disponibilizado se transforme em efectivo aumento de conhecimento.

Da arquitectura cristã antiga ao *encastelamento*; da construção das paisagens agrárias e da estruturação do povoamento à fiscalidade e monetarização da economia; das produções cerâmicas e redes comerciais à reconstituição do ambiente e do quotidiano alimentar, a Arqueologia Medieval portuguesa apresenta um vastíssimo campo de investigação, com um grande potencial de renovação do conhecimento histórico. O trabalho urge, resta esperar que para tal sejam oferecidas condições aos arqueólogos.

Braga, Maio de 2000

Bibliografia

- ALÇADA e GRILLO (1999), Margarida e Maria Inácia Teles - *Caminhos do Património*, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais / Livros Horizonte, Lisboa.
- ALARCÃO (1994), Jorge - Arqueologia nas cidades, in *Actas do Encontro de Arqueologia Urbana, Bracara Augusta*, vol.XLV, n.º 97(110), Câmara Municipal de Braga, Braga, pp. 59-62.
- ALARCÃO, ÉTIENNE e MAYET (1990), Jorge, Robert e Françoise (dir. de) - *Les Villas Romaines de São Cucufate (Portugal)*, E. de Boccard, Paris.
- ALMEIDA (1962), Fernando de - *Arte Visigótica em Portugal, O Arqueólogo Português*, Nova Série, IV, Lisboa.
- ALMEIDA (1968), Carlos Alberto Ferreira de - *Vias Medievais de Entre Douro e Minho*, Dissertação de Licenciatura em História (policopiada), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- ALMEIDA (1978a), Carlos Alberto Ferreira de - *Arquitetura Românica de Entre Douro e Minho*, Tese de Doutoramento (policopiada), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- ALMEIDA (1978b), Carlos Alberto Ferreira de - *Castelologia Medieval de Entre Douro e Minho*, Prova Complementar da Tese de Doutoramento (policopiada), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- ALMEIDA (1986), Carlos Alberto Ferreira de - *O Românico, in História da Arte em Portugal*, 3, Edições Alfa, Lisboa.
- BARCELÓ et al (1988), Miquel Barceló, Helena Kirchner, Josep M. Lloró, Ramon Martí, José M. Torres - *Arqueologia medieval. En las afueras del "medievalismo"*, Editorial Crítica, Barcelona.
- BARROCA (1984), Mário Jorge - Notas sobre a ocupação medieval em Baião, *Arqueologia*, 10, GEAP, Porto, pp.116-136.
- BARROCA (1987), Mário Jorge - *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-e-Minho (séculos V a XV)*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiado), Porto.
- BARROCA (1988), Mário Jorge - A Ocupação Medieval em Castelo de Matos. Primeira Abordagem, *Arqueologia*, 17, GEAP, Porto, pp.159-171.
- BARROCA (1989), Mário Jorge - Em torno da Residência Senhorial Fortificada. Quatro Torres Medievais na região de Amares, *Revista de História*, vol. IX, Centro de História Universidade do Porto, Porto, pp.9-61, (separata).
- BARROCA (1990), Mário Jorge - Contribuição para o Estudo dos Testemunhos Pré-Românicos de Entre-Douro-e-Minho. 1. Ajimezes, Gelasias e Modilhões de Rolos, in *Actas IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga (Congresso Internacional)*, vol. I, Faculdade Teologia - Cabido de Braga, Braga, pp.101-145.
- BARROCA (1990-91), Mário Jorge - Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico (séc. IX a XII), *Portugalia*, Nova Série, XI-XII, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, pp. 89-134.
- BARROCA (1999), Mário Jorge - *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, 3 vols., (dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 1995), Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação Ciência e Tecnologia, Lisboa.
- BARROCA, MONTEIRO e FERNANDES (2000), Mário J., João G. e Isabel C. - *Pera Guerreiar. Armamento Medieval no Espaço Português*, Câmara Municipal de Palmela, Palmela.
- BARROCA e REAL (1992), Mário Jorge e Manuel Luis - As Caixas-Relicário de São Torcato, Guimarães (séculos X-XIII), *Arqueologia Medieval*, 1, CAM / Edições Asfrontamento, Porto, pp.135-168.
- BOUARD e RIU Y RIU (1977), Michel de e M. - *Manual de Arqueologia Medieval: de la prospeccion a la historia*, Barcelona.
- BRANDÃO (1961), Domingos de Pinho - Excavações arqueológicas em Xantem - Alemanha. Diário e ideário de um participante. Técnica de escavação arqueológica. Importância da arqueologia medieval, *Lucerna*, 1(3-4), Porto, pp.120-156.
- BROGIOLO, MANNONI e PARENTI (1996), Gian Pietro, Tiziano e Roberto (ed. de) - *Archeologia dell'Architettura*, (suplemento ad "Archeologia Medievale", XII), All'Insegna del Giglio, Firenze, 1996.
- CABALLERO ZOREDA e ESCRIBANO VELASCO (1996), Luis e Consuelo (eds.) - *Arqueologia de la Arquitectura. El método arqueológico aplicado al proceso de estudio y de intervención en edificios históricos*, Junta de Castilla y León, Burgos.
- CAM (1991), Campo Arqueológico de Mértola (ed. de) - *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental* (Lisboa, 16-22 Novembro 1987), Campo Arqueológico de Mértola, Lisboa.
- CAPELA et al (1996), José Viriato e A.C.Lima, A.M.Silva, F.Castro, I.M.Fernandes, L.Fontes, M.L.Real, M.C.Milhazes, M.I.P.Osório, M.R.Melo, M.Rodrigues, P.D.Gomes, R.Teixeira - A produção cerâmica do Norte (sécs. XII-XX): Estudo histórico, tipológico e laboratorial, *Olaria*, 1, Câmara Municipal de Barcelos, Barcelos, pp.3-10.
- CATARINO (1997-98), Helena - O Algarve Oriental durante a Ocupação Islâmica. Povoamento Rural e Recintos Fortificados, *al-ulyā*, 6 (1-2-3), Loulé.
- CATARINO (1998), Helena - Fortificações da Serra Algarvia, in *Portugal Islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo*, (Catálogo exposição no Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa), Instituto Português de Museus, Lisboa, pp.207-218.
- CMT (1995), Câmara Municipal de Tondela (ed. de) - *1.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*, (28 a 31 Outubro 1992), Câmara Municipal de Tondela, Tondela.

- CUNHA (1996), Eugénia - Viajar no Tempo Através dos Ossos. a investigação paleobiológica, *al-madan*, II.ª série, 5, Centro de Arqueologia de Almada, Almada, pp.131-141.
- CUNHA (1997), Eugénia - Populações medievais portuguesas (séculos XI-XV). A perspectiva paleobiológica, *Arqueologia Medieval*, 5, Edições Afrontamento, Porto, pp.57-83.
- DGEMN (1998), Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais - *Boletim da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Monumentos*, Números 1 ao 131, (CD-ROM), DGEMN, Lisboa.
- DIOGO e ABRAÇOS (1998), João Manuel e Helder Chilra (coord.) - *Actas 2.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*, (22 a 25 Março 1995), Câmara Municipal de Tondela, Tondela.
- FABIÃO (1999), Carlos - Um Século de Arqueologia em Portugal - I, *al-madan*, II.ª série, 8, Centro de Arqueologia de Almada, Almada, pp.104-126.
- FERNANDES (1968), A. de Almeida - *Paróquias suevas e dioceses visigóticas*, Câmara Municipal de Viana do Castelo, Viana do Castelo, (separata do Arquivo do Alto Minho, XIV, XV e XVI).
- FERNANDES e CARVALHO (1993), Isabel Cristina F. e A. Rafael (coord.) - *Arqueologia em Palmela (1988/92)*, (catálogo de exposição), Câmara Municipal de Palmela, Palmela.
- FERNANDES e CARVALHO (1997), Isabel Cristina F. e A. Rafael - Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Palmela, in *La céramique médiévale en Méditerranée. Actes du VIème Congrès de l'AIECM2*, (Aix-en-Provence, 13-15 Novembre 1995), Narration Éditions, Aix-en-Provence, pp. 327-335.
- FERNANDES e FERNANDES (2000), Isabel Cristina F. e Dulce Helena (coord.) - *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500). Resumos* [do Simpósio Internacional sobre Castelos], Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela, Lisboa.
- FERNANDES et al (1999), Lídia, Emanuel Carvalho, Teresa Julião - A alcáçova da cidade da Guarda - proposta de reconstituição, *Arqueologia Medieval*, 6, Edições Afrontamento, Porto, pp.59-71.
- FERREIRA (1928), José Augusto - *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga*, I, edição da Mitra Bracarense, Braga.
- FONTES (1987), Luis Fernando de Oliveira - Salvamento Arqueológico de Dume : 1987 - Primeiros Resultados, *Cadernos de Arqueologia*, 2ª Série, 4, Braga, 1987, pp. 111-148.
- FONTES (1988), Luis Fernando de Oliveira - Dume : A Devoção do Túmulo do Bispo S. Martinho, a Ampliação da Igreja Paroquial e o Salvamento Arqueológico, *FORUM*, 4, Braga, 1988, pp. 75-89.
- FONTES (1990), Luis Fernando de Oliveira - Escavações Arqueológicas na Antiga Igreja de Dume: notícia preliminar da campanha de 1989, in *Actas IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga (Congresso Internacional)*, vol. I, Faculdade Teologia - Cabido de Braga, Braga, pp.147-169.
- FONTES (1991-92), Luis Fernando de Oliveira - Salvamento Arqueológico de Dume (Braga). Resultados das Campanhas de 1989-90 e 1991-92, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 8-9, Unidade de Arqueologia/Museu D. Diogo de Sousa, Braga, pp. 199-230.
- FONTES (1992), Luis Fernando de Oliveira - O Norte de Portugal no Período Suevo - Visigótico. Elementos para o seu estudo, *Actas XXXIX Corso di Cultura Sull'Arte Ravennate e Bizantina*, Edizione del Girasole, Ravenna, pp. 217-248.
- FONTES e REGALO (1997) - O "Castelo" de Penafiel de Bastuço, Paços S. Julião, Braga. Elementos para o seu estudo, *Arqueologia Medieval*, 5, Edições Afrontamento, Porto, pp.199-220.
- FRANCOVICH (1993), Riccardo - Some Notes on Medieval Archaeology in Mediterranean Europe, in *Actas European Symposium for Teachers of Medieval Archaeology*, (Lund 11-15 Junho 1990), Almqvist & Wiksell International, Estocolmo, pp. 49-62.
- GARCIA DE CORTAZAR (1983), José Angel - *História Rural Medieval*, Editorial Estampa, Lisboa.
- GASPAR (1985), Alexandra - Escavações Arqueológicas na Rua de N.ª S.ª do Leite, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 2, Unidade Arqueologia/Museu D. Diogo de Sousa, Braga, pp.51-125.
- GOMES (1988), Rosa Varela - Cerâmicas muçulmanas do castelo de Silves, *Xelb*, 1, Câmara Municipal de Silves, Silves.
- GOMES (1993), Paulo Dórdio - O Povoamento Medieval em Trás-os-Montes e no Alto-Douro. Primeiras Impressões e Hipóteses de Trabalho, *Arqueologia Medieval*, 2, Edições Afrontamento, Porto, pp.171-190.
- HODDER (1994), Ian - *Interpretación en Arqueología. Corrientes actuales*, (2.ª ed., [ampliada y puesta al día]), Crítica, Barcelona.
- IEC (1995), Istitut d'Estudis Catalans (ed. de) - *IV Reunió D'Arqueologia Cristiana Hispànica / IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*, (Lisboa, 28-30 Setembro / 1-2 Outubro 1992), Istitut d'Estudis Catalans, Universitat de Barcelona e Universidade Nova de Lisboa, Barcelona.
- INFORMAÇÃO ARQUEOLÓGICA (1979-1994), Departamento de Arqueologia do IPPC/IPPAR (ed. de) - *Informação Arqueológica*, IPPC/IPPAR, Lisboa, (número 1, relativo a 1977-78, foi publicado em 1979. O último número, 9, relativo a 1987, saiu em 1994).
- IPPAR (2000) - *Programa de Recuperação dos Castelos*, (Direcção do IPPAR), Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa.
- JORGE e JORGE (1998), Vítor Oliveira e Susana Oliveira - Arqueologia Portuguesa no séc. XX: alguns tópicos para um balanço, in *Arqueologia. Percursos e Interrogações*, Adecap, Porto, pp.13-29.

- LADERO QUESADA (1992), Manuel F. - Historia y Arqueología de los tiempos medievales. Algunas consideraciones, *Arqueología, Hoy*, (coord. ed. Gisela Ripoll López), Universidad Nacional de Educación a Distancia, Madrid, pp.163-174.
- LEMOS (1989), Francisco Sande - Arqueologia Portuguesa: Aspectos Históricos e Institucionais, *FORUM*, 5, Braga, pp.91-110.
- LEMOS (1992), Francisco Sande - Arqueologia Portuguesa: Próximo Futuro. Previsões para a Última Década do II Milénio, *FORUM*, 11, Braga, pp.53-64.
- LEMOS (1994), Francisco Sande - Cavar em Ruínas, *Actas das V Jornadas Arqueológicas*, (Lisboa, 1993), Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp.89-94.
- MACIAS e TORRES (1998), Santiago e Cláudio (coord.) - *Portugal Islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo*, (Catálogo exposição no Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa), Instituto Português de Museus, Lisboa.
- MACIEL (1996), M. Justino - *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*, ed. autor, Lisboa, 1996.
- MACIEL e COELHO (1994), M. Justino e Teresa Campos - A Basílica e o Baptistério Paleocristãos de *Conimbriga*, in *Actas III Reunió D'Arqueologia Cristiana Hispânica*, (Maó, 1988), Barcelona.
- MATOS (1992), Maria A. Pina (coord.) - *Nos Confins da Idade Média. Arte Portuguesa Séculos XII-XV*, (Catálogo exposição no Museu Nacional Soares dos Reis, Porto, 13 Março-26 Abril 1992), Instituto Português de Museus, Porto.
- MATOSO (1992), José (dir.) - *História de Portugal*, 8 vols., Círculo de Leitores, Lisboa.
- NETO (1999), Maria João Baptista - A Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e a Intervenção no Património Arquitectónico em Portugal, in *Caminhos do Património*, (coord. de Margarida Alçada e Maria Inácia T. Grilo), DGEMN/Livros Horizonte, Lisboa, pp.23-43.
- PARCERO OUBIÑA *et al* (1999), César, Fidel Méndez Fernández y Rebeca Blanco Rotea - El Registro de la Información en Intervenciones Arqueológicas, *CAPA 9. Criterios y Convenciones en Arqueología da Paisaxe*, Laboratorio de Arqueología e Formas Culturais/USC, Santiago de Compostela.
- PAULINO (1992), Francisco Faria (coord.) - *Portugal. A formação de um país*, (catálogo de exposição), Comissariado de Portugal para a Exposição Universal de Sevilha, Lisboa.
- PEREIRA (1995), Paulo (dir.) - *História da Arte Portuguesa*, 3 vols., Círculo de Leitores, Lisboa.
- PEREIRA (1997), Paulo (coord.) - *Intervenções no Património 1995-2000. Nova Política*, Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa.
- PESEZ (1992), Jean-Marie - Histoire et Archéologie médiévales, in *Historiens Et Archéologues*, (Actes 3.e Session d'Histoire Médiévale de Carcassonne, 28 Agosto - 1 Setembro 1990), Peter Lang, Berna, pp.7-24.
- RAMALHO (1996), Maria M.B. de Magalhães - a arqueologia na intervenção dos edifícios históricos ou A Arqueologia da Arquitectura, *al-madan*, II.ª série, 5, Centro de Arqueologia de Almada, Almada, pp.50-56.
- REAL (1985), Manuel Luis - Pousada de Santa Marinha, Guimarães, (Santa Marinha da Costa. Notícia Histórica), *Boletim da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, 130, Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, Lisboa, pp.7-72.
- REAL (1995), Manuel Luis - Inovação e Resistência: dados recentes sobre a antiguidade cristã no ocidente peninsular, in *Actas IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*, (Lisboa, 1992), Institut d'Estudis Catalans, Barcelona, pp.17-68.
- REAL (1998), Manuel Luis - Os Moçarabes do Gharb português, in *Portugal Islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo*, (Catálogo exposição no Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa), Instituto Português de Museus, Lisboa, pp.35-56.
- REAL *et al* (1982), Manuel Luis, Isabel Maria Fernandes, Rui Tavares e Pedro Sá - As covas eremíticas de Sabariz (Vila Fria - Viana do Castelo), *Minia*, Aspa, Braga, pp.5-31.
- REAL *et al* (1995), Manuel L., Paulo D. Gomes, Ricardo J. Teixeira, Rosário F. Melo - Conjuntos cerâmicos da intervenção arqueológica na Casa do Infante - Porto: elementos para uma sequência longa - séculos IV-XIX, in *Actas 1.º Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*, (28 a 31 Outubro 1992), Câmara Municipal de Tondela, Tondela, pp.171-186.
- RODRIGUES (1994), Miguel C.L.B. Areosa - *Cerâmicas Medievais da Região de Moncorvo (sécs.XII-XIII)*, Tese de Mestrado em Arqueologia, (policopiado), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- RODRIGUES (1999), Jorge - A Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e o Restauro dos Monumentos Medievais Durante o Estado Novo, in *Caminhos do Património*, (coord. de Margarida Alçada e Maria Inácia T. Grilo), DGEMN/Livros Horizonte, Lisboa, pp.69-82.
- RODWELL (1989), Warwick - *Church Archaeology*, B.T.Batsford/English Heritage, Londres.
- SILVA (1935), Henrique Gomes da - Igreja de Leça do Bailio, (Monumentos Nacionais: Orientação Técnica a seguir no seu Restauro), *Boletim da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, 1, Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, Lisboa.
- SILVA (1994), António Carlos - A crise actual da Arqueologia Portuguesa face à experiência dos anos 80. Crise de crescimento ou crise de consciência ?, *Actas das V Jornadas Arqueológicas*, (Lisboa, 1993), Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp.89-94.
- SILVA (1999), António Carlos - Arqueologia Portuguesa no Século XX: um testemunho muito pessoal, *al-madan*, II.ª série, 8, Centro de Arqueologia de Almada, Almada, pp.133-137.

- SOUSA (1978), José João Rigaud de - Casas-Torre ainda existentes nos arredores de Braga, *O Distrito de Braga*, III, 2.ª série (VII), Assembleia Distrital de Braga, Braga, pp.5-28.
- TEIXEIRA (1999), Ricardo - Arqueologia dos espaços cistercienses no Vale do Douro, in *Cister no Vale do Douro*, Edições Afrontamento, Porto, pp.191-242.
- TORRES (1987), Cláudio (coord.) - *Cerâmica Islâmica Portuguesa*, (catálogo exposição), Campo Arqueológico de Mértola, Lisboa.
- TORRES e MACIAS (1993), Cláudio e Santiago (coord.) - *Basílica Paleocristã*, (catálogo exposição), Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.
- UCP/FTB e CMPB (1990), Universidade Católica Portuguesa / Faculdade de Teologia-Braga e Cabido Metropolitano e Primacial de Braga (ed. de) - Actas do Congresso Internacional *IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga*, 3 vls, Universidade Católica Portuguesa / Faculdade de Teologia-Braga e Cabido Metropolitano e Primacial de Braga, Braga.
- VAZ (2000), João L. Inês - Espaço e Tempo na Acrópole de Viseu, *Monumentos*, 13, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Lisboa, pp.45-51.

